

O sonho como resistência

Psicodrama e neoliberalismo

Devanir Merengué



O SONHO COMO RESISTÊNCIA

Psicodrama e neoliberalismo

Copyright © 2024 by Devanir Merengué

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Revisão: **Mariana Marcoantonio**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Talvez eu seja
O sonho de mim mesma.
Criatura-ninguém
Espelhismo de outra
Tão em sigilo e extrema
Tão sem medida
Densa e clandestina
[...]
HILDA HILST

Nada lhe pertence mais
do que seus sonhos.
FRIEDRICH NIETZSCHE

Observar cuidadosamente
significa desmontar.
HERTA MÜLLER

Um sonho pode parecer de caráter íntimo,
ou provocado por motivos triviais,
mas na verdade ele se liga diretamente
às questões de Estado.
ISMAIL KADARÉ

Sumário

| | |
|--------------------------------|-----------|
| Uma introdução | 11 |
| 1. Como usar? | 17 |
| 2. Papéis-corpo | 25 |
| 3. Uma brecha | 39 |
| 4. A estética dos sonhos | 45 |
| 5. Uma ética dos sonhos? | 51 |
| 6. O sujeito neoliberal | 57 |
| 7. Resistência e criação | 73 |
| Alguma conclusão | 91 |
| Notas | 95 |

Uma introdução

Estou em uma estrutura montada entre nuvens, no alto do céu, estranhamente armada. Caminho sobre uma espécie de lona frouxa, mole, que me deixa inseguro. Vou me segurando pelas bordas até que escuto uma voz (de quem? minha própria?) que diz “confia”. Então eu caminho até o centro da estrutura e sinto uma certeza enorme.¹

Talvez a principal qualidade de um(a) psicólogo(a) deva ser a de amar a liberdade. Penso ser impossível realizar um trabalho de compreensão do indivíduo e de suas amarras sem essa qualidade. A razão de escolher um projeto humano que leve em conta a espontaneidade e a criatividade, tão surradas nos nossos dias, talvez esteja associada à ideia de liberdade, que no entanto precisa ser conquistada a cada dia, a cada nova luta. Nunca somos suficientemente livres.

A liberdade atravessa a prática e a teoria do(a) psicólogo(a), de um modo ou de outro margeada pela realidade, que delimita, frustra, solta e cerceia.

Amar a liberdade significa lutar por ela em qualquer instância. A noção de liberdade, no entanto, pode ser enganosa: o que se entende por liberdade? Liberdade vem a ser liberdade de...? Por isso, bastante cautela.

Escolho acreditar nas singularidades. Evidentemente, isso não exclui similitudes entre as coisas, a possibilidade de pensar em coletivos, interseções, repetições. A singularidade nesse contexto tem uma função política, de resistência ao mundo que tudo dilui em coisa amorfa e em mercadoria. Refiro-me à singularidade como sinônimo de criação, marcando a diferença, o que é mutável, o que resiste ao submetimento.

E aqui, como veremos, o termo tem um sentido bem distinto do de individualismo², praticamente seu contrário ou sua crítica.

A busca da singularidade das coisas tem base na criação, e não na imposição comum dos sistemas e instituições — que, sim, podem ser importantes em certos tempos e lugares, mas se mostram altamente engessadores, sedativos e controladores em tantos outros.

Os caminhos dos profissionais da área psi podem ser sedutores e, claramente, aprisionantes. Pertencer a uma sociedade, estar filiado(a) a uma entidade pode significar pertencer a uma instituição normatizadora, uma quase seita. Paradoxalmente, porém, o isolamento produz profissionais egocêntricos, senhores e senhoras da razão sem limites na sua “grandeza”. Preferi sempre o diálogo com a realidade — difícil, espinhosa e, não poucas vezes, decepcionante.

Nesse conflituoso lugar que não o engessamento institucional nem o individualismo grandioso, existe a linha tênue e tensa da criação humana — que, ao contrário do que dizem, entendo como dolorosa, na medida em que saltamos no vácuo, na estranheza e no estranhamento.

Desse ponto de vista, podemos dizer que existem muitos psicodramas: do mais rasteiro e superficial, que se amolda às modas vigentes, ao psicodrama nômade, que transita por territórios conhecidos ou inóspitos do conhecimento.

Os primeiros são mais facilmente comercializáveis, na medida em que vendem produtos de fácil consumo e pouca duração. São os psicodramas de resultado, cujo caráter é, quase sempre, de adaptação de indivíduos aos projetos sociais e políticos existentes sem crítica, sem discussão, sem que se questione se aquilo é ou seria justo, bom, transformador.

O segundo modelo é mais raro e, claro, menos popular. Avento um psicodrama não protocolar, cujas mudanças pressupõem a discussão teórica, a reconstrução constante. O nomadismo pelos saberes como a política, as artes (amplamente falando), a sociologia, a filosofia e as diversas linhas da psicologia traz desacomodação. Imagine um povo nômade caminhando por diferentes terras, mantendo alguma identidade, mas ao mesmo tempo contemplando, dialogando com diversas pessoas e seus distintos costumes.

Esse modelo pressupõe porosidade, uma identidade mais flexível, sem perder o nome, o olhar crítico, sem deixar de reconhecer os diversos saberes encontráveis. Como se vê, trata-se de algo trabalhoso, que demanda estudo e mudanças. Nessa vertente, o esforço é pela busca de conceitos não endurecidos, consagrados e que, se levados muito a sério, aprisionam a fluidez do pensamento.

INVESTIGAR OS SONHOS

O leitor encontra neste breve ensaio a experiência clínica condensada de um profissional. Nem por isso o texto tem a pretensão da verdade; trata-se de uma versão possível de um enfrentamento, de desafios cotidianos visando favorecer alguma compreensão da condição humana.

Quando escolho investigar os sonhos tendo como instrumental determinado modelo de psicodrama, escolho também uma matéria disforme e mutável, caminhos tortuosos e com resultados imprevisíveis. Os sonhos, como compreendidos aqui, residem em uma faixa entre a realidade e a fantasia, entre os fatos e a ação “interpretativa”, a compreensão dura do real e as alternativas prováveis.

O escritor colombiano Gabriel García Márquez disse que temos uma vida pública, uma privada e uma secreta. O sonho lida com todas essas vidas e, não raramente, mescla histórias, fatos e imaginação.

A compreensão dos sonhos amplia enormemente o entendimento da existência. De ambos. Encontramos sonhos banais, colados na realidade, outros mais ou menos compreensíveis e outros ainda cujos conteúdos são bastante estranhos e, por vezes, de difícil apreensão. O universo onírico não costuma ser de pronto entendimento, a não ser aqueles sonhos óbvios para quem sonhou e para quem escuta o relato.

Na prática clínica, quanto mais contundente, surpreendente e estranho for o sonho, mais potencialmente transformador ele será. Nem sempre isso é claro de início. A intensidade vai ficando mais nítida na medida de seu desvelamento.

* * *

O sonho sempre esteve presente em relatos escritos na história da humanidade, servindo aos mais variados fins. Com o advento de uma interpretação científica dos sonhos, eles passaram a ser compreendidos como um aspecto que nos oferece uma *outridade* em nós. Essa diferença, esse incômodo, esse outro que habita nossa existência e que os sonhos nos revelam (ou escondem) é de grande importância para nossa transformação como seres humanos.

Este livro vem sendo amadurecido aos poucos, partindo da minha experiência pessoal e clínica, do relato dessa experiência em aulas e em congressos com colegas de profissão e ainda de leituras sobre o assunto ou sobre temas conectados a ele. Funciona como uma contribuição para as investigações psicodramáticas dos sonhos, universo com o qual manteremos sempre uma relação de espanto e curiosidade científica, tendo consciência de seus óbvios limites, sempre fugidios.

Ao estudar os sonhos com intenções científicas, a psicologia fez um longo percurso durante o século 20 — começando com a incontornável obra *A interpretação dos sonhos*, de Freud, e continuando com autores que confirmam ou contestam as ideias presentes nesse livro seminal. A lista é grande, e os mais conhecidos são Alfred Adler, Melanie Klein, Wilfred Bion e Carl Gustav Jung. Na antropologia e na sociologia, o estudo dos sonhos contribuiu para compreender os povos e suas tradições e adversidades. No campo das artes, é impossível enumerar a quantidade de usos e possibilidades do universo dos sonhos na literatura, no cinema, nas artes plásticas, no teatro. Na contemporaneidade, as neurociências fazem experimentos tentando compreender o funcionamento do cérebro em relação à produção onírica.

Este livro não intenta repassar esses caminhos já conhecidos e mais ou menos dispersos, fazendo uma ampla pesquisa acadêmica. O recorte do presente ensaio é focar o sonho na clínica psicodramática, buscando alguma sustentação teórica e tentando encontrar uma provável ética e evidente estética, uma possível resistência política e a mais que desejável criação.

Não faço aqui um estudo sobre Foucault, nem exatamente sobre o psicodrama. Utilizo conceitos do filósofo e do conceitual moreniano para pensar o sonho e seu embate com a moral e, na atualidade, com o neoliberalismo — que sagazmente pode ser apresentado como uma moral.

1. Como usar?

Ao ouvir um relato de sonho, somos atravessados por impressões, sensações, associações de ideias. Se esse relato vem de um amigo na mesa do bar, em geral adotamos uma postura neutra, sem grandes implicações, mas se estamos no espaço terapêutico a atuação precisa ser evidentemente outra, ativando conhecimento, memória e disponibilidade. O corpo e a experiência do profissional devem ser ofertados como suporte sensível.

Muito frequentemente, quando se relata um sonho, o foco de atenção costuma ser os *personagens*. *Eu sonhei com...* Temos toda uma fauna de figuras, vivas e mortas, inventadas ou reais, misturadas ou puras nas suas características, contemporâneas ou do passado, pessoas comuns e celebridades, personagens míticos, de romances e novelas, saídos de livros, filmes ou do mais banal cotidiano, amigos e inimigos, conhecidos e estrangeiros. Parece que a produção onírica não tem limite — ou que o limite está associado à necessidade humana.

Logo após a pandemia, sonhei com o ex-presidente da República Jair Bolsonaro. Na narrativa, ele foi enforcado. Na vida, eu, que tenho dificuldade até para matar insetos, acordei assustado com esse sonho monstruoso, homicida.

Não é difícil compreender o horror diante do sonho se o sonhador tem um pensamento democrático e antifascista e, desse modo, espera que civilizadamente todos tenham o devido direito a um julgamento justo pelos malfeitos e crimes cometidos. Entendemos, desde Freud, que os sonhos não seguem morais vigentes. Ou, muito pelo contrário, estão a serviço, em inúmeros casos, da crítica dessa moral.

Uma mulher diz que seu sonho não tem personagens, mas apenas e tão somente uma porta que, depois de aberta, revela a escuridão. O

sonho é simples, mas parece incomodá-la em demasia. Peço-lhe que, imaginariamente, abra a porta e acenda a luz. Com muita resistência, ela assim procede. E quem vê? Um adolescente, amor proibido por ser negro. Temos toda uma construção simbólica sobre esse personagem: negro, apagado, escuro da noite. Temos uma história de amor não vivida, proibida pelos pais — que inclusive, por outras razões, se mudaram de cidade. O amor ficou vagando no imaginário, pedindo um desfecho.

Juntar características de pessoas — inclusive de épocas e lugares diferentes — em um só personagem não é incomum, mas por vezes causa assombro: “Por que eu teria sonhado com X, que foi meu colega de infância, mas não era tão presente?” Os sonhos usam e abusam desses artifícios, que, descobrimos mais tarde, têm um sentido completamente diverso do imaginado em um primeiro momento.

Os personagens dos sonhos podem fazer coisas estranhas a eles. “Meu pai jamais agiria assim”, “Eu nunca faria isso”, “Sim, era ele, mas no meu sonho ele se transformava em um alienígena cantando de sombreado”. Mais uma vez temos seres distintos, mas que fazem coisas diferentes do modo como historicamente conhecemos, como registrado pela nossa memória.

Também é interessante a relação que os personagens estabelecem entre si. Que tipo de ação, de dinâmica fica estabelecida no sonho? Podemos tentar entender o que move os personagens, quais são suas intenções, suas dúvidas, suas atitudes. Que sentimentos os unem ou os distanciam, o que mostram e o que escondem. Enfim, assim como na literatura, no cinema, na televisão e até na fotografia, os personagens têm motivações.

O mapeamento de personagens (e de suas intenções) é bastante valioso: o que está em jogo? Importante dizer que nem sempre isso é algo explícito. Muitas vezes, temos uma confusão, uma falta de clareza, como se o(s) personagem(ns) estivessem desorientados ou sabotando alguma compreensão. O modo como agem nos sonhos costuma ser distinto das atitudes e dos propósitos cotidianos.

Um dado interessante associado aos personagens diz respeito a um não entendimento daquilo que eles sentem (“O que acontece?” “Por